



MULHERES JORNALISTAS NA IMPRENSA BRASILEIRA

Alice Mítika Koshiyama

alicemit@yahoo.com

Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Resumo

O conceito de lugar social permite avaliar as possibilidades e limitações do trabalho do historiador e um exame mais objetivo dos processos de construção da história. O historiador, portador do saber que condiciona a sua prática, executa a escrita parcial da história, na medida que toda narrativa histórica busca preencher lacunas de um passado, cuja totalidade nos escapa. Nesse contexto, avaliar ausências, defender paradigmas e apontar exemplos de pesquisas são ações pertinentes ao processo de organização de uma área de pesquisa. Este trabalho avalia o tema mulheres jornalistas na imprensa brasileira, a partir do conceito de lugar social (cf. M. de Certeau), realiza uma leitura de algumas obras correntes da história da imprensa e analisa a elaboração de projetos de pesquisa a partir de valores formadores da construção da cidadania das mulheres. (apoio CNPq).

Palavras-chaves: História do Jornalismo – Mulheres Jornalistas no Brasil – Projetos de Pesquisa.

1. Introdução

Um fator positivo para os estudos da história da imprensa nos últimos tempos é a consciência da necessidade de trocar informações e discutir sobre o campo de pesquisa. A perspectiva do trabalho interdisciplinar é um outro fator que facilita as propostas de agregação entre pesquisadores. A formação de redes e intercâmbio, como a Rede Alfredo de Carvalho (1), é um sintoma dessa fase atual que coloca os historiadores da imprensa em conexão com sindicatos profissionais, empresas jornalísticas, universidades, organizações não governamentais, movimentos sociais, entidades governamentais, museus, bibliotecas públicas e privadas.

Pesquisar o passado deixou de ser uma obra para diletantes, ou um trabalho para aqueles que não queriam se envolver com os problemas do momento presente. Fazer história torna-se, também na área de comunicações, atividade que exige preparação acadêmica e percepção dos problemas que envolvem as escolhas dos pesquisadores.

O estudo de Michel de Certeau sobre a operação histórica (2) ajuda-nos a compreender a complexidade de elementos que atuam no trabalho da escrita da história. A construção da narrativa histórica tem uma série de condições presentes nas escolhas dos temas, na definição dos objetos de pesquisa, nas opções metodológicas que resultam em textos históricos. A definição de que o historiador constrói a história está longe de uma aparente onipotência do pesquisador. A escrita da história tem uma série de normas às quais o autor da história se submete. O lugar social em que cada historiador se situa mostra o seu trabalho como parte de uma atividade coletiva, que possibilita e limita suas escolhas de temas, objetos, documentos e a disponibilidade de usos de métodos e técnicas de análise. Em síntese, a história é sempre escrita de um lugar social, que deve ser conhecido para a compreensão da obra.

Ou como observa o historiador Edward Hallet Carr, no seu instigante texto *Que é História?* (3) deve-se conhecer o historiador antes de avaliarmos uma obra, deixando antes bem claro que reconhece a relação dialética entre o indivíduo historiador e as instituições sociais às quais ele se vincula em uma determinada época.

No estudo do tema mulheres jornalistas na imprensa brasileira colocamos duas variáveis para exame : o dos historiadores e das mulheres. E comentamos alguns projetos de pesquisa que orientamos, planejamos e/ou executamos nos últimos anos, na condição de coordenadora do projeto de pesquisa integrado A Construção da Cidadania, com apoio do CNPq.

2.Gênero e história

Os estudos históricos não privilegiam o olhar sobre as mulheres. Fazer de conta que as mulheres não existiam é um comportamento que ajudava a construir a história das mulheres como seres que não tinham identidade própria, reforçando a visão da mulher complemento do homem, Eva costela de Adão.

Historiadoras, como Michelle Perrot (4), contribuíram para a explicitação da situação de exclusão das mulheres das narrativas históricas legitimadas. A descrição das omissões da história

é uma área de estudos que congrega autores revisionistas, principalmente os opositores das visões etnocêntricas presentes na historiografia francesa, conforme demonstra Marc Ferro (5)

No entanto, a exclusão apresenta dois aspectos, ambos referentes ao lugar social. Um deles, é sobre o lugar social das mulheres na história, voltadas para a vida quotidiana e longe dos centros de decisão e de poder, fato que as tornava invisíveis em narrativas históricas centradas nos grandes eventos que tomavam o espaço público. O segundo aspecto refere-se a pura omissão de consulta aos documentos que atestavam a presença das mulheres no espaço público na lutas sociais, como nas barricadas da Revolução Francesa.

A pesquisa histórica recente revela a participação de mulheres em momentos muito significativos da Revolução Francesa, os documentos arquivados sobre o fato foram ignorados pelos pesquisadores da historiografia clássica do movimento. Porque entre esses historiadores, o tema participação das mulheres na história era cercado de preconceitos, o que impedia a construção de hipóteses de pesquisa corretas para trabalhar com os documentos disponíveis. . A visão dominante da história limitava as investigações. Eram valorizadas aquelas mulheres personagens que se destacassem assumindo valores privilegiados pelo mundo masculino: escritoras, artistas, ou até assassinas de homens famosos, como Charlotte Corday lembrada porque matou Jean Paul Marat.

Mesmo obras como a *Histoire Générale de la Presse Française* (6) trabalho excelente pela sua proposta e método, no seu primeiro volume apresenta a história da imprensa na revolução francesa e ignora a atuação das mulheres oradoras e panfletárias (7).

Nelson Werneck Sodré em seu texto *História da Imprensa no Brasil* (8), privilegia a história política e o caráter panorâmico da história e tendo sido publicado em 1966 carece de uma perspectiva sobre a ação das mulheres na imprensa.

E se há muito sabemos da existência de mulheres como Adalgisa Nery, que teve uma coluna de comentários políticos no jornal *Ultima Hora* de Samuel Wainer, apenas pudemos conhecer melhor quem foi ela na história do Brasil com o trabalho de Ana Callado (9).

3. Mulheres Jornalistas

Hoje, a presença as mulheres no mercado de trabalho de jornalismo e nos cursos superiores para formação profissional atesta o interesse e a adaptação delas a um universo que no início dos anos 60 do século passado, no Brasil, discriminava-as abertamente. Era o tempo em

que algumas conceituadas empresas jornalísticas do país restringiam o trabalho jornalístico das mulheres. Lembramos nosso espanto, em 1968, quando ouvimos, na condição de aluna do curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, do então professor, jornalista e advogado do jornal *O Estado de S. Paulo*, Flávio de Almeida Prado Galvão, suas “explicações” sobre a redação do jornal ser um lugar impróprio para mulheres. Para elas, restavam os suplementos femininos. Ele era a voz do passado, desprezando as mudanças que estavam acontecendo no país, processo que culminou com o reconhecimento da igualdade jurídica entre homens e mulheres na Constituição de 1988.

A visão de um professor sobre suas alunas universitárias serem seres que deviam ser protegidos, assimilava a idéia da mulher ser relativamente incapaz, conforme a Constituição então em vigor determinava e é um sintoma de uma tendência histórica. A relação da mulher com o espaço público e o espaço privado definia a posição ocupada por ela na sociedade e marca sua identidade de gênero ao longo do tempo.

A relação de gênero homem mulher é marcada pela delimitação do espaço permitido ou interdito à presença de todos. Assim, na origem, as cidades marcam privilégios da exclusão de gênero, que são mais antigas do que as exclusões de classe.

O acesso às mulheres de novos espaços, inicialmente acompanhadas de homens e só mais recentemente sozinhas, assinala uma aceitação de algumas culturas de direitos mais amplos para elas. Essa visão externa das conquistas da cidadania feminina não resulta automaticamente na compreensão do que é cidadania feminina pensada a partir do gênero. Há muito para se descobrir em que consiste a percepção que as mulheres tem de si e dos outros, assinala a pesquisadora e psicóloga Naomi de Vasconcelos (10), propondo uma questão a considerar também na elaboração dos estudos de história.

Se inicialmente as mulheres ficavam nos suplementos femininos e em setores do jornalismo considerados pela opinião masculina dominante como de pouco prestígio ou de menor importância, hoje temos uma saudável possibilidade de homens e mulheres escreverem sobre todos os assuntos: da arte culinária à matemática financeira. O que possibilita perguntar em que condições as mulheres fazem o seu trabalho.

Porque de modo semelhante a outras categorias de trabalhadoras, as jornalistas também enfrentam relações de trabalho tensas e se sujeitam a sofrer violências de gênero. Alguns desses atos violentos resultam em morte, como no caso de Sandra Gomide, assassinada pelo seu ex-

chefe e ex-namorado Antonio Pimenta Neves. Para alguns, o assassinato de Sandra Gomide é uma questão da vida privada, tragédia que atingiu um homem transtornado, no dizer de Rui Mesquita, um dos donos da empresa que edita o jornal *O Estado de S.Paulo*.

Esta abordagem patronal omite as condições da organização de trabalho que respaldaram as relações do casal. Na redação chefiada por Pimenta Neves, não só mulheres, como vários trabalhadores homens estavam vivendo em um clima que a pesquisadora Marie- France Hirigoyen caracterizaria como situações de assédio moral (11)

“Assédio moral no trabalho é a exposição dos trabalhadores e trabalhadoras a situações humilhantes e constrangedoras, **repetitivas e prolongadas** durante a jornada de trabalho e no exercício de suas funções .. São mais comuns em relações hierárquicas autoritárias, onde predomina condutas negativas, relações desumanas e aéticas de longa duração , de um ou mais chefes dirigida a um subordinado, desestabilizando a relação da vítima com o ambiente de trabalho e a organização.”(12)

Segundo depoimentos de vários profissionais que trabalharam com Pimenta Neves, pode-se inferir que a sua gestão administrativa cultivou uma cultura organizacional com práticas de assédio moral.

As experiências do mundo real concreto colocam-nos interrogações que ajudam a organizar projetos de pesquisa. Mulheres Jornalistas, mulheres que conseguem hoje exercer a profissão, é um tema que pode ser desenvolvido em várias conexões interdisciplinares.

Para o estudo da história e para as pesquisas sobre a história do jornalismo mais recente no Brasil está posto o tema das mulheres jornalistas a respeito do qual fizemos as escolhas permitidas aos historiadores, inclusive os valores que defendemos para a cidadania. É nessa condição que citamos Carmen da Silva, para quem homens e mulheres devem buscar bem estar, prazer e satisfação com equilíbrio e autonomia. Ciente da distância entre a realidade do dia a dia e seu projeto para as mulheres ela observa:

“Já são bastante numerosas ente nós as mulheres que resolvem assumir, de modo total e sem concessões, sua condição de gente: não querem ser coisa, objeto, boneca, enfeite, gatinha, dondoca e semelhante. Rejeitam as fórmulas pré-fabricadas de feminilidade, os papéis prefixados, os enquadramentos limitadores: dona-de-casa, mãe-de-família, esteio-do-lar, repouso-do-guerreiro, musa-do-poeta, apêndice-do-homem, meia-costela. Não aceitam de maneira alguma

que o simples fato de seu sexo as coloque num plano de dependência e subalternidade, seja no desempenho social, seja no relacionamento afetivo.” (13)

4. Mulheres Jornalistas: Algumas Práticas da História

Mulheres Jornalistas é um dos sub-temas escolhidos para estudo dentro do projeto integrado A Construção da Cidadania (14), desenvolvido com o apoio do CNPq. Ele é parte da história do cotidiano em que se estudou gênero, identidade, gestão do inconsciente e organização do trabalho, comunicação e direitos de cidadania.

A história, conforme Agnes Heller, é a substância da sociedade estruturada e heterogênea. O discurso da história é um processo de construção de valores, ou de degenerescência e ocaso deles, ao longo do tempo. Verificamos a colisão de valores em esferas heterogêneas, no processo de articulação e relação dos componentes da essência humana (moralidade, universidade, consciência e trabalho). O ritmo das mudanças e permanências dos valores no tempo é desigual (15). A vida quotidiana marca a relação dos valores particulares dos indivíduos como os valores do gênero humano, mostrando ações materializadas em atos e fatos.

Na história da imprensa escolhemos a perspectiva de estudar a vida de mulheres jornalistas em processos de construção da cidadania. O trabalho dos jornalistas tem suas potencialidades limitadas a partir de parâmetros como competência intelectual, princípios ético-políticos e coragem para resistir a pressões morais e físicas. Em nossos estudos sobre mulheres jornalistas, procuramos descobrir a formação pessoal, os projetos executados, os valores defendidos, o modo como elas enfrentaram as situações problemáticas. Relataremos as experiências em 3 níveis: pesquisa individual em projeto integrado, orientação em pós-graduação e iniciação científica.

História, jornalismo, feminismo e cidadania da mulher foram os campos abordados na nossa pesquisa sobre Carmen da Silva: a Arte de Ser Mulher, Jornalista e Cidadã, colunista e redatora da revista *Cláudia* de 1963 a 1985 (16). Nele mostramos a construção da cidadania da mulher através do jornalismo. Para desenvolver o trabalho examinamos questões referentes a gêneros e identidades, gestão do inconsciente e organização do trabalho, comunicação e direitos da cidadania.

Notamos a importância de um olhar sobre a história redefinindo perspectivas estabelecidas sobre o que era e o que é ser mulher na sociedade contemporânea. Neste trabalho, textos de autoria da jornalista publicados na seção “A Arte de Ser Mulher” são documentos essenciais para a construção da história, da história das idéias que fazem da mulher uma cidadã com direitos à cidadania plena. O caráter pioneiro dos textos de Carmen, publicados durante mais de 20 anos, alia-se à coerência do seu projeto de persuasão dos leitores e leitoras. Comunicadora e psicóloga mostrava, a partir das questões da vida privada das mulheres, a possibilidade de transformação delas em sujeitos de suas vidas quotidianas.

Juntamente com suas leitoras fazia um minucioso exame da vida quotidiana das mulheres com a interpretação de suas áreas de silêncios, de suas dúvidas e agonias. Dizer o que pensava, apontar seus sentimentos, exercer julgamentos, chamar a atenção para limitações pessoais, clamar por direitos, reconhecer pressões de pessoas ou de grupos, aprovar atos e comportamentos positivos, repudiar propostas discriminatórias, estimular o debate sobre um mundo transformável, eis um trabalho que permaneceu.

Um estudo da biografia intelectual de Carmen da Silva possibilita a compreensão de sua ação. Com a leitura crítica de obras do existencialismo (Sartre e Simone de Beauvoir), do marxismo e da psicanálise freudiana, Carmen articulava uma visão da história e da relação do indivíduo com o seu mundo. A transformação da vida de cada um de nós é uma combinação das vontades explicitadas em atos. Atos mediados pelas nossas percepções das possibilidades e limitações que nos cercam.

À psicóloga Carmen cabia o trabalho de construir com suas leitoras percepções diferentes daquelas herdadas pelas mulheres que recebiam a “herança cultural” do passado, herança cultural que pode imobilizar ou entorpecer a capacidade de ação das pessoas. A relação de Carmen com suas leitoras, de credibilidade e de confiança mútuas, como deve ser a relação analista-paciente :permite a construção de um projeto de comunicação coletivo que é de Carmen em conjunto com suas leitoras. .Conforme explicava no artigo Em Tom de Confissão para a revista *Cláudia* :

“E se essa franca admissão de minhas perplexidades vier derrubar, aos olhos das mais empedernidas idealizadoras, o mito da mulher-rochedo, da mulher-forte-que conhece-todas-as respostas, tanto melhor; desde que me tenho por gente, não recorro a uma única linha que não tendesse precisamente a isso: a derrubar mitos. Porque os mitos têm uma característica paradoxal; apoiando-se os pés sobre eles, fatalmente eles nos desabam na cabeça.”(17)

Ao assumir sua condição tripla de mulher, jornalista e cidadã, Carmen assinala um conjunto de responsabilidades e direitos definidos pela sua inserção na cultura brasileira dos anos 60 aos 80. Mulher e feminista assinala uma perspectiva de trabalho e compromissos políticos. Jornalista e psicóloga demarca sua ação em um espaço público - a revista *Cláudia* - com um trabalho privado junto a cada leitora. Cidadã e democrata com um projeto de democracia para todos, enquanto processo de construção coletiva de um mundo diferente e novo. Propunha uma democracia com amplo espaço para o feminismo e a psicologia, ambos como coadjuvantes do processo histórico. .

Mulheres Jornalistas: Opções Profissionais para a Construção da Cidadania é o título de um livro (18) que mostra parte do resultado de um projeto de iniciação científica que organizamos para alunos de graduação. Os textos foram escritos por alunos do curso de Jornalismo e o livro foi feito pelos alunos do curso de Produção Editorial da ECA-USP, envolvendo na supervisão professores dos dois cursos.

A escolha das personagens de *Mulheres Jornalistas* partiu de alguns indicadores sobre a qualidade do trabalho profissional até então desenvolvido por Judith Patarra, Conceição Leme e Mônica Teixeira.

São mulheres jornalistas que dialogam com suas entrevistadoras. O trabalho cotidiano, a formação para a profissão, os valores que as orientam, a luta para exercer o jornalismo segundo seus padrões éticos, a independência intelectual enunciada nas obras resultantes dos seus trabalhos são alguns aspectos desses encontros.

A disposição em dar os depoimentos e a preocupação em fazê-los corretamente marcaram a ação das entrevistadas. Elas puderam ler e revisar os textos de suas falas, corrigindo as lacunas e imprecisões das primeiras anotações, pois o objetivo foi registrar os depoimentos com toda a exatidão. Nesses procedimentos seguimos os ensinamentos para os trabalhos em história oral (19).

As entrevistadoras ganharam experiência e lições sobre as múltiplas dificuldades que envolvem o trabalho de ouvir e registrar as falas, respeitando a personalidade das interlocutoras.

A passagem do tempo confirma o valor dos temas abordados pelas entrevistadas. Com elas refletimos sobre vários usos do jornalismo em um mundo complexo e contraditório. E aprendemos que justiça, responsabilidade social, ética e direitos humanos são temas essenciais

para a formação de jornalistas capacitados. A competência profissional é construída com a permanente crítica e autocrítica do trabalho cotidiano e aperfeiçoada pela busca e organização de conhecimentos inovadores.

Orientações

A dissertação mestrado de Alex Criado, defendida na ECA-USP em fevereiro de 2001, sob nossa orientação: Repórteres pioneiras: resgate da trajetória de três jornalistas através da História Oral (20) foi considerada exemplar pela banca examinadora. Apresentamos um breve resumo, recomendando a leitura aos interessados no tema.

Repórteres pioneiras procura resgatar a trajetória de três mulheres jornalistas que iniciaram suas carreiras em meados do século vinte na imprensa brasileira. Naquela época, a presença feminina nas empresas jornalísticas era muito pequena, o que lhes confere um caráter pioneiro. Para realizar esta tarefa, foi utilizada a metodologia da História Oral. Dessa forma, as histórias são narradas pelas próprias protagonistas. Foram selecionadas três jornalistas que trabalharam na reportagem, por se considerar este o espaço privilegiado da ação jornalística. São elas: Ana Arruda Callado, que trabalhou no *Jornal do Brasil*; Helle Alves e Neusa Pinheiro, dos *Diários Associados*. (resumo do autor)

A dissertação de Alex Criado tem a preocupação didática de mostrar todo o processo complexo de um trabalho em história oral. Apresenta as etapas do trabalho de ouvir as protagonistas da história, com a transcrição das falas de várias conversas (apresentadas em anexos), até a edição dos textos das entrevistas que integram o corpo da dissertação. Esses procedimentos só foram possíveis com a colaboração das entrevistadas que apoiaram a iniciativa do pesquisador em revelar detalhes de sua prática de pesquisa.

Pretendemos desenvolver vários trabalhos sobre o tema mulher na imprensa brasileira, um dos nossos objetos de pesquisa. Dentre os trabalhos em andamento, sob nossa orientação, temos o de Gisele Hime, doutoranda da ECA-USP, sobre a mulher no jornal paulistano *A Gazeta*, durante a gestão de Cásper Líbero.

Acreditamos, enquanto pesquisadora e docente, integrante do Núcleo Jornalismo e Cidadania do Curso de Pós-Graduação da ECA-USP, podemos contribuir para o desenvolvimento dos estudos de história do jornalismo. E avaliamos com Michel de Certeau:

“Finalmente, o que é uma “obra de valor” no âmbito da história? Aquela que é reconhecida como tal pelos seus pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório. Aquela que representa um progresso em relação ao estatuto atual dos “objetos” e dos métodos históricos, e que, ligada ao meio ao qual é elaborada, torna possíveis, a partir daí, novas pesquisas. O livro ou o artigo de história é, ao mesmo tempo, um resultado e um sintoma do grupo que funciona como um laboratório. Como o automóvel saído de uma fábrica, o estudo histórico prende-se ao *complexo* de uma fabricação específica e coletiva, muito mais do que ao fato de ser o efeito de uma filosofia pessoal ou o ressurgimento de uma “realidade” passada. É o *produto* de um *lugar*.” (21)

Referências Bibliográficas

- (1) Vemos uma amostra pequena da multiplicidade de pesquisadores dedicados à história da imprensa no *Jornal da Rede Alfredo de Carvalho*, Ano I, no 2 – 21 de maio de 2001.
- (2) Ver: Michel de Certeau. “A Operação Histórica”, in Jacques Le Goff e Pierre Nora (org.). *História: Novos Problemas*, 4^a. ed., trad. Theo Santiago, Rio, Francisco Alves, 1995, pp. 17-48.
- (3) Edward Hallet Carr. *Que é História?*, 3^a.ed., trad. Lúcia Alverga, rev. técnica de M. Y. Linhares, Rio, Paz e Terra, 1982.
- (4) Michelle Perrot. *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros*, 2^a.ed., trad. D. Bottmaner, Rio, Paz e Terra, 1988.
- (5) Marc Ferro. *A História Viglada*, trad. D.S. Pineiro, São Paulo, Martins fontes, 1989.
- (6) Jacques Godechot e outros (org.). *Histoire Générale de la Presse Française*, Paris, P.U.F., 5 vol. (ver vol. 1)
- (7) A ausência de referências sobre a ação política das mulheres na Revolução Francesa foi tema de um trabalho desenvolvido por Silvana Issa Afram, na disciplina Jornalismo, História e Pesquisa, ministrada aos alunos de Pós-Graduação da ECA-USP.

- (8) Nelson Werneck Sodré. *História da Imprensa no Brasil.*, Rio Civilização, 1966. As edições da Graal, Rio, 1977 e da Martins Fontes, Rio, 1983 apresentam o mesmo texto de 1966.
- (9) Ana Arruda Callado. *Adalgisa Nery: muito amada e muito só.*, Rio, Relume-Dumará, 1999.
- (10) Naumi de Vasconcelos pesquisa psicanálise, feminismo e sexualidade com perspectiva da história, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- (11) Marie-France Hirigoyen. *Assédio Moral: a violência perversa do cotidiano*, Ed. Bertrand do Brasil, São Paulo, 2000.
- (12) Ver mais detalhes sobre o tema no site <http://www.assediomoral.org>
- (13) Carmen da Silva. *O Melhor de Carmen da Silva*: seleção de Julia Tavares, Rio, Rosa dos Tempos, 1994, p.265.
- (14) A execução do projeto integrado de pesquisa A Construção da Cidadania com os professores Maria Otília Bocchini (ECA-USP) e José Roberto Heloani (FE-UNICAMP e FGV-SP) foi um trabalho muito profícuo para as atividades de pesquisa e o ensino do grupo.
- (15) Ver: Agnes Heller. *O cotidiano e a história*, 3ª. ed., Rio, Paz e Terra, 1989, pp. 1-15.
- (16) A pesquisa sobre a jornalista Carmen da Silva teve a contribuição do grupo do projeto A Construção da Cidadania na definição dos seus objetivos e nos seus marcos teóricos.
- (17) Carmen da Silva. *O melhor de Carmen da Silva*, p.36
- (18) Alice Mitika Koshiyama (org.). *Mulheres Jornalistas: Opções Profissionais para a Construção da Cidadania*, São Paulo, Com-Arte, 2001.
- (19) Ver: Verena Alberti. *História Oral – a experiência do CPDOC*. Rio, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- (20) Alex Criado. *Repórteres pioneiras: Resgate da trajetória de três jornalistas através da História Oral*, São Paulo, ECA-USP, 2000. (dissertação de mestrado)
- (21) Michel de Certeau. "Operação Histórica", in obra citada, p.23.